

riquezas do vale

CONHEÇA OS TESOUROS DO VALE DO PARAÍBA

YES, O VALE TEM ARROZ!

**Cultivo do cereal mais consumido
no Brasil é destaque na região.**

CULTURA

A influência da
culinária tropeira
no Vale do Paraíba.

ECONOMIA

O café além de sua xícara:
A indústria que movimenta
a economia no Vale.

CURIOSIDADES

Conheça as gírias
e expressões mais faladas
na região.

SUMÁRIO

HERDADE DO JECA	4
ARTESÃOS	6
CIA BOLA DE MEIA	8
CULINÁRIA TROPEIRA	10
PONTO FORTE DO VALE	12
CULTIVO DO ARROZ	14
ECONOMIA CAFEEIRA	17
VIAGEM E POUCO DINHEIRO	20
PESQUISA NO GOOGLE	22
LENDA DO GIGANTE	24
MÃO FRIA	25
GÍRIAS	26



FACULDADE

Expediente

A Revista Riquezas do Vale é uma revista produzida pelos alunos do 4º período do Curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova, em Cachoeira Paulista, SP. É um trabalho acadêmico proposto pela disciplina “Projeto em Revista” e orientado pela Professora Dra Vaniele Barreiros.

Venha ver o que o Vale tem de melhor

Por Deividson Francisco

Desde São José dos Campos até a pequena Queluz, a proposta da revista Riquezas do Vale é apresentar ao leitor o que de melhor se pode encontrar na região do Vale do Paraíba paulista. Reportagens, matérias e artigos representarão justamente algumas das inúmeras riquezas deste vale. Uma cultura rica de significados e expressões, cheia de histórias, lendas, causos e curiosidades. Uma economia que se expande para todo o país e até mesmo no exterior, mas que também se constitui de particularidades locais.

No folhear destas páginas se pode encontrar riquezas históricas e econômicas, provindas do cultivo do café, do mel, do Içá e com destaque para uma reportagem especial sobre a produção do arroz na região. Também se encontram as maravilhas da cultura tropeira, com suas delícias culinárias, o artesanato e as festas religiosas da região.

Riquezas humanas, de iniciativas que promovem o bem social, ou ainda que desenvolvem a tecnologia e o empreendedorismo do país. O leitor poderá conhecer e se deleitar com as lendas do Gigante adormecido, da Mão fria, as gírias e expressões próprias das cidades desta região e até histórias curiosas e engraçadas do Fusca, um automóvel querido na região.

Para os que desejarem se aventurar por estas rotas culturais do vale, há também uma matéria que dará dicas e informações a quem deseja viajar gastando pouco. E há muito mais...

Em tempos tão difíceis marcados pela pandemia de Covid-19 e vividos nestes últimos anos, muitas notícias tristes e desalentadoras ganharam destaque. Aqui o convite é de uma viagem ao Vale do Paraíba para re-descobrir riquezas, valores, alegrias e esperanças. Cada imagem, cada texto, frase ou palavra, aponta para tesouros deste vale, que valem a pena ser descobertos.

Boa leitura. Boa viagem!

REPORTAGENS
FOTOGRAFIAS
PROJETO GRÁFICO
EDITORAÇÃO E
EDIÇÃO

Ana Beatriz Gonçalves
Ana Caroline Silva
Ana Clara Castro
Alexandre Coutinho
Bianca Carvalho
Bruna Victoria
Crislaine Maria
Daniele Andrade
Deividson Francisco

Ester Vieira
Franciele Bachião
Fernando Inácio
Fernando Vicente
Giuliana Gentill
Isabelle Machado
Leonardo Giroto
Leticia Godoy
Marceli Maria

Marciel Souza
Maria Germana
Mariana Almeida
Mauriceia A. Silva
Rodolfo Luiz
Suelen Cirstina
Suelen Martins
Thaysa Duarte
Thiago J. Lima



WHATSAPP (12) 3186-2600

ESCREVA SUA HISTÓRIA

VESTIBULAR 2022

FACULDADE CANÇÃO NOVA

PROVA ONLINE

04

DEZEMBRO

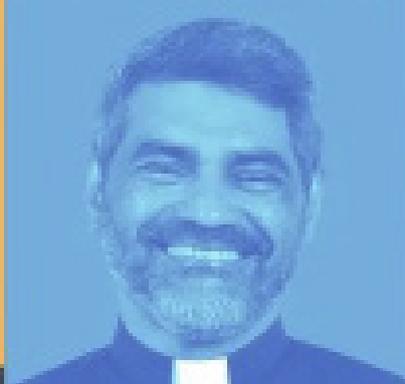
ADMINISTRAÇÃO | JORNALISMO | RÁDIO E TV | FILOSOFIA | TEOLOGIA



Canção Nova

FACULDADE

INSCRIÇÕES GRATUITAS WWW.FCN.EDU.BR



HERDADE DO JECÁ

“SEM CULTURA”, já ouviu esse termo? “Fulano, não sabe nada, fulano é sem cultura”. Seria então “cultura” o sinônimo de conhecimento? Nessa lógica, o homem comum é sem cultura, o caipira, o caboclo ordinário, o sertanejo, não tem esse tal conhecimento intelectual associado a quem é “estudado”, letrado. O “homi” vivido é diferente do “homi” estudado.

A gente vê pelo Jeca Tatu de Urupês: Ser desleixado, barba por fazer, calcanhares rachados, pés descalços, um verdadeiro miserável. Dono apenas de pequenas plantações, não tinha estudo nem ambição na vida, não vivia, só sobrevivia, sem cultura, mal tinha higiene. Esse era o retrato do homem caipira, caricato, criado por Lobato, para representar o sujeito do Vale. E sem querer, se difundia aí o estereótipo do homem, que por não ser letrado, é ignorante, e não tem nada a oferecer.

E nessa ideia a gente foi, compondo a cultura como sendo antagônica a ignorância, um erro que todos, digo todos, em algum momento já cometemos. Lá atrás na história, o filósofo clássico Aristóteles, já questionava essa ideia. Esse homem estudado, na hora de caracterizaras ciências humanas, destacava a semelhança entre os “saberes”. De forma clara, porque ninguém aqui é obrigado a ser metido com filosofia, um pedreiro e um engenheiro, são capazes de construir uma mesma obra, cada qual a sua maneira, um partindo da experiência e outro do estudo científico.

O que eu to querendo dizer com esse lero lero todo? Que o homi vivido, tem tanto a oferecer quanto o estudado, e a gente só começou a entender isso culturalmente, com a chegada, no século XX, de um visionário despretensioso, no Vale. Um ator e cineasta, que vindo da capital, e inspirado pelos contos de Urupês, resolve dar vida ao principal personagem vale-paraibano, o caipira.

De uma mistura de Jeca Tatu e Zé Brasil, Amácio Mazzaropi representava agora, não só um senhor desleixado e miserável resultante da realidade econômica da época, mas sim o homi do campo, vivido, sabidão, dono de si, que satirizava o preconceito e a exclusão do sertanejo tradicional. E assim ganhou o povo, sou prova disso, cresci vendo meu avô dar gargalhadas ao ver a sua realidade representada na tv, a elitizada sétima arte da época voltada ao homem comum.

O significado de cultura passou a ser dessocializado de conhecimento e atrelado ao que realmente é, tradição! Herança de um povo que carregou nas costas, muitas vezes de forma literal, o desenvolvimento daqui. Ao longo desses 40 anos da partida de Amácio, o caipira pode ter mudado e de muitas formas, mas a cultura, essa só se enriqueceu.

O folclore, as crendices, crônicas e lendas, faladas, cantadas e vividas por aqui, foram um dia, o cotidiano daquele mesmo caipira, caboclo, sertanejo. É, o berço cultural do vale, nasceu de um Jeca “sem cultura”.





“E do barro fez-se o homem”: O circuito do barro pelo Vale do Paraíba

Por Ana Caroline R. Silva

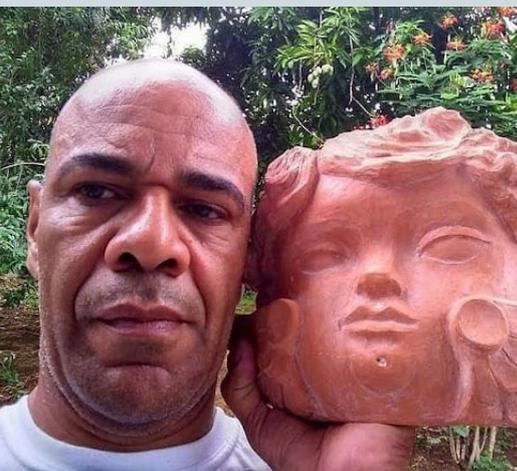
O que, para muitos, pode ser sinônimo de sujeira, lama, e assim por diante, é para outros, a matéria-prima de verdadeiras obras de arte. O barro é muito presente na cultura dos moradores do Vale do Paraíba, tendo um lugar especial na vida dos artesãos locais.

Em meados do século XVIII, época do Brasil Colônia, os então moradores do Vale receberam uma das principais heranças culturais deixadas pelos portugueses no período da colonização, a produção de imagens e utensílios a partir da argila extraída do barro. Daí em diante, nascia uma das maiores tradições da região, que perdura até os dias atuais.

Foi graças à grande quantidade de argila encontrada nas margens dos rios, que essa atividade se tornou forte entre os moradores. Além desse motivo, alguns apontam que a prática deu início através dos freis do Convento Santa Clara, em Taubaté/SP, que incentivavam os moradores a produzirem os seus próprios presépios usando o barro. Outros, entretanto, como Décio de Carvalho (52), acreditam que esse tipo de artesanato surgiu na famosa Rua Imaculada Conceição, também no município de Taubaté, hoje conhecida como “Rua das Figureiras” por conter oito casas de figureiros, que conservam esse legado artístico.

“As moradoras da Rua Imaculada, no hábito de lavar roupa na Fonte da Imaculada, que é uma extensão da rua, descobriram argila de excelente qualidade e começaram a modelar as figuras de presépio, e o hábito que era só feito no Natal passou a ser feito durante o ano inteiro.”

Aponta Décio que além de pedagogo é sócio-fundador da Casa do Figureiro de Taubaté.



Décio de Carvalho, figureiro há 40 anos.

Décio iniciou sua trajetória como artesão bem cedo, aos 12 anos. Ele relata que tudo começou quando conheceu as irmãs paternas Luiza, Edith e Maria Cândida, que aprenderam a modelar argila desde muito jovens. As irmãs, com exceção de Edith que morreu ainda moça, sabem todas as histórias em torno dessa tradição, além de terem conhecido as pioneiras da arte das figuras, como Dita Paqueira, influente nesse meio. Essas mulheres, que moravam próximas uma das outras, trabalhavam em uma antiga fábrica de juta, que acabou fechando. Por conta disso, decidiram usar o barro como forma de receber uma renda extra para integrar o orçamento familiar. Dando início as figureiras.

A palavra “figura” vem das “figuras de presépio” que eram produzidas a princípio, mas que ao longo do tempo foram expandidas para imagens de animais e outros símbolos culturais.

O costume de produzir figuras de presépios estendeu-se até à fabricação de imagens sacras, surgindo os chamados “santeiros”, artesãos que criam exclusivamente ícones de santos. Essa arte popular é incentivada e preservada por meio de algumas instituições, como o ICCC (Instituto Cultural de Cerâmica de Cunha), que oferece cursos e workshops para ensinar jovens e adultos a produzirem as cerâmicas populares, mantendo viva a tradição no Vale do Paraíba.



Ao lado, uma representação da jogadora Martha pelas mãos de Décio

Mas qual a diferença?

Ceramista - O ceramista utiliza de um processo de fabricação mais elaborado e minucioso, e são produzidos, em sua grande maioria, utensílios como cumbucas e canecas.

Figureiro - É o artesão que utiliza de técnica rústica para produzir figuras populares que retratam crenças, tradições, animais, etc.

Santeiro - É o artesão que produz imagens sacras, especialmente de santos católicos.



Peças de cerâmicas produzidas pela ceramista Brisa Rodrigues (@ceramica.brisa).



Companhia de Artes incentiva a cultura no Vale do Paraíba

Por Dani Batista

Conhecer a sua cidade, qual a sua origem e quais contextos fazem parte dela, é adentrar na identidade cultural do que se diz respeito da pessoa e da comunidade. E nesse intuito que a Cia de Cultura Bola de Meia de São José dos Campos/SP, promove a mais de 30 anos o conhecimento, a pesquisa e o incentivo em manter viva a cultura e a arte.



A Cia foi fundada pelo casal Jacqueline Baumgratz que é pedagoga, psicopedagoga, psicanalista, artista e escritora, juntamente com seu marido Celso Pan que é educador musical, compositor, regente e músico instrumentista. Iniciaram como um grupo de artistas em 1989, em 1999 a Cia foi oficialmente formalizada como uma associação sem fins lucrativos, qualificada pelo Ministério da Justiça como OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público).

Jaqueline conta que a CIA opta pela arte, cultura, educação e meio ambiente. Esses são os alicerces para todos os projetos desenvolvidos pela instituição, principalmente por meio da cultura da infância e da cultura tradicional brasileira. Ela conta que possuem o foco na região de pertencimento que envolve o Vale do Paraíba, e as mais de 30 cidades paulistas.

Conta ainda que fazem isso por meio de cursos de formação para educadores, pesquisas, publicação de livros, cds, vídeos, podcast, apresentações artísticas e culturais, entre outros meios. A principal vocação é promover o desenvolvimento social e cultural da coletividade brasileira, priorizando crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, risco e exclusão social, com alvo na transformação social.

A cidade de São José dos Campos/SP, obteve reconhecimento popular recentemente pelo Governo do

Estado, que nomeia como: São José dos Campos a “Capital Cultural do Estado”.

“Eu fico preocupada quando as pessoas não veem esse patrimônio cultural que a cidade tem, que é importante. E ele está pulsando, ele não é uma coisa do passado.” disse a pesquisadora de cultura Maria Angela Savastano em entrevista ao em Pauta. A Companhia faz parte desse movimento importante que a cidade carrega, em levar a cultura para a população local e também as demais cidades do Vale e até mesmo do país. Ela já atuou em dezoito estados brasileiros com circulação de espetáculos, oficinas, projetos sociais, e cresce a cada dia mais ocupando 71% de atuação em todo território brasileiro.

O diferencial da Cia, afirma o membro da direção conhecido como Mandu, 34, “A noção de que diversas instituições culturais têm atuações geniais e imprescindíveis na região, entretanto nenhuma na mesma vertente de produção da Cia Cultural Bola de Meia”.

Para eles o mundo precisa de mais espaços e ações importantes que dizem sobre a história do nosso

país. Mesmo que o foco seja na primeira infância, quando o grupo se apresenta ninguém fica de fora, todos que estão presentes participam. E quem não gosta de lembrar e poder viver essa experiência, um momento nostálgico para os mais velhos e em contrapartida, algo novo para mais jovens e estes possam conduzir para as gerações futuras, como na ciranda, poesia, cinema e até mesmo a famosa Folia de Reis.

A fundadora ainda conta que antes da pandemia, o atendimento na sede, para os cursos de teatro infantil, coral, formação de educadores chegava a uma média de 70 pessoas por mês, num total de 840 pessoas por ano. Porém, as ações fora da sede de forma



REPRODUÇÃO/SITE: bolademeia.org

itinerante, chegam a 400 por mês, por meio de apresentações livres, totalizando uma média de 4.800 por ano. Somando os espaços de atuação da CIA, podemos dizer que ela incentiva a cultura a cerca de 5.640 pessoas por ano.

A Cia Bola de Meia se inova constantemente e de forma atrativa conta histórias que dizem respeito da região como a peça de teatro, O Vale Encantado que é uma homenagem ao Rio Paraíba do Sul. Exaltam a beleza natural, a fauna, a flora e encantos

do Vale do Paraíba Paulista, o povo que vive as suas margens, como os índios, ribeirinhos, piraquaras, figureiras, pescadores e contadores de causos.

O objetivo é fazer com que todos possam compreender a história de que fazem parte, de como surgiu e como é importante, e para isso os alunos e participantes vivem essas experiências de maneiras diferentes e de forma lúdica. O grupo investe no núcleo artístico, que realiza espetáculos e oficinas, para que sejam de forma atrativa e se adequem à realidade atual, alcançando os mais variados públicos.

Jaqueline explica ainda a inspiração por trás da criação da CIA, “o nome surgiu por causa da letra de uma música de Milton Nascimento e Fernando Brandt: Bola de Meia, Bola de Gude. Principalmente pelo verso: “...Bola de Meia, bola de gude, o solidário não quer solidão. Toda vez que o adulto balança o menino me dá à mão...”. A letra dessa música tem tudo haver com o que acreditamos. É preciso

sonhar e construir um mundo novo desde criança!”

A companhia é composta por aproximadamente 15 pessoas, mas a associação como um todo reúne mais de 100 integrantes. Educadores, artistas, psicólogos, sociólogos, assistentes sociais, pais de alunos, que acreditam na realização, na construção e contribuem com o desenvolvimento e a criação dos projetos.

Em reflexo a esse esforço realizado pelos membros, a companhia já garantiu mais de 20 premiações e conquistas nas esferas federais, estaduais e municipais. Um deles foi na apresentação e exposição na Bienal São Paulo, no Memorial da América Latina – São Paulo/SP e no Prêmio Itaú Unicef.

Para a Cia, a essência da cultura, é contribuir com o conhecimento que vai além da teoria, que mantém a beleza da cultura e da arte, para que não se perca, mesmo que os ramos novos apareçam com as raízes devem permanecer fincadas na história do Vale.



REPRODUÇÃO/SITE: Companhia Bola de Meia - bolademeia.org

A influência da culinária tropeira no Vale

Por Thaysa Duarte

Sendo o reflexo da história do Vale do Paraíba, a culinária tropeira sai diretamente do passado para a mesa das donas de casa. Mandioca, carne-seca, feijão-tropeiro, bolinho caipira e carne de porco, são alguns dos pratos antes feitos pelos tropeiros, e que hoje fazem parte do cotidiano dos moradores da região. Naturalmente, com a chegada dos imigrantes, as iguarias foram se modificando, ganhando novos ingredientes, mas a base continua a mesma até hoje.

No interior de São Paulo, em Silveiras, conhecida como a Capital do Tropeirismo, está localizado um dos restaurantes referência da comida tropeira no Vale: O Trempe. O espaço foi fundado em setembro de 2009 pelo sociólogo Ocílio Ferraz, e assumido em 2016 por Mateus Gontijo, após a morte do fundador.

“Aqui no restaurante, nós temos o livro de receitas do Ocílio e a gente segue à risca. Seguimos a base da comida tropeira, caipira. Nós não fazemos nem modificações, nem releituras, não criamos pratos novos. Se não está no livro, nós não cozinhamos.” Afirma o chefe.

A história nos conta que os tropeiros exploraram o Brasil em busca de terras férteis. Viajavam por meses, e ao longo do caminho, faziam paradas para comer, alimentar o gado e descansar. No bornal (equipamento responsável por armazenar alimentos), uma grande quantidade de farinha, feijão, carne-de-sol, bacon e linguiça, eram levados por longos períodos na estrada. Esses percursos e pontos de parada, deixaram fortes reflexos culturais, dando início a culinária do interior, uma comida rústica e variada que não se pode catalogar.

“Comida tropeira, na realidade é um farnel (bolsa) de viagem, esse farnel foi adaptado, sofreu algumas modificações para caber dentro das cozinhas e se tornou a base da



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM - Feijão Tropeiro, um clássico da nossa região, preparado no Restaurante Trempe.

culinária da região.” reforça o chefe.

Referente a cultura tropeira, Mateus esboça a satisfação que tem pelo trabalho: “É um prazer saber que é um pedaço da história e que eu posso levar isso adiante, não só para a minha família, mas para as pessoas que visitam o nosso restaurante.”

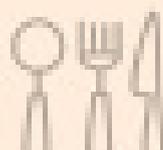
Tradição que vem de berço

Além de ocupar o mercado gastronômico da região, a culinária tropeira permanece presente no cotidiano daqueles que vivem plenamente o tropeirismo. O tropeiro é o homem trabalhador do campo,

de vida simples. E na roça, como os trabalhos começam antes do sol raiar a mesa é farta. Um café reforçado feito no fogão a lenha, é costume que atravessa gerações, como na família de Dona Maria Isabel.

“Eu aprendi a cozinhar desde mocinha, com a minha mãe, que aprendeu com meu avô! Ela sempre foi muito caprichosa na cozinha. Fazia tudo com muita rapidez, todas as refeições. E eu ia vendo aquilo, botando atenção, e fui aprendendo.” Diz Dona Maria.

Na época do tropeirismo, enquanto o guia conduzia a tropa,



o cozinheiro preparava o café e o almoço paradespois se juntar ao grupo. O papel que antes era ocupado pelos cozinheiros das tropas, normalmente mais novos, hoje dá espaço para as mães, esposas e avós dos tropeiros que mantêm viva a culinária raiz.

“A culinária é um braço, uma viga que sustenta o tropeirismo. Preservar a comida, é preservar a cultura tropeira. Nós levamos a cultura a partir do sotaque, das gírias, mas a gastronomia é a parte mais forte que a gente tem.” - Mateus Contijo



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM - Famosa farofa de Iça do Restaurante Trempe



Acervo pessoal - Chefe Mateus na cozinha.

DEU FOME AÍ? SEGUE ABAIXO UMA RECEITA COM O CAVIAR DO VALE DO PARAÍBA: A FAROFA DE IÇÁ.

Ingredientes:

- Formigas do tipo içá
- Banha de Porco
- Sal a gosto
- Farinha de mandioca
- Alho

Modo de preparo:

Retire as asas, as pernas e a cabeça com o ferrão das formigas, deixe somente com o abdômen e a "bundinha". Em uma panela, derreta a banha, quando estiver bem quente, coloque os içás, eles vão pipocar e inchar, refogue com o alho. Deixe fritar até a casca ficar crocante e o alho dourado, este é o ponto e a hora de adicionar farinha de mandioca aos poucos, mexendo bem, até virar uma farofa.

BOM APETITE!

O ponto forte do Vale

Por Ana Beatriz

Algumas pessoas podem não saber, mas o Vale do Paraíba, possui esse nome pelo fato de seu território englobar grande parte da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul, que tem como seu afluente principal o rio Paraíba, que nasce na serra da Bocaina, no município de Areias, com o nome de rio Paraitinga, recebendo o nome rio Paraíba do Sul na confluência com o Paraíba, na Represa de Paraibuna. Apesar de se estender a outros estados, iremos falar somente sobre a parte leste do estado de São Paulo que totaliza cerca de 39 cidades.

O Vale do Paraíba é um dos principais polos socioeconômicos do país, a economia é um dos seus

pontos fortes. Segundo um levantamento feito pela Fundação Seade, o PIB (Produto Interno Bruto) do Vale do Paraíba alcançou R\$119,2 bilhões no ano passado e consolidou a região como a segunda com a maior riqueza do interior do estado de São Paulo.

Esse processo de crescimento econômico se deu por diversas razões, uma delas são os favorecimentos e incentivos públicos aos municípios, em especial a instalação de centros técnicos e institutos de pesquisa pelo governo federal, como o parque tecnológico, que se localiza na cidade de São José dos Campos.



Visão aérea da cidade de São José dos Campos - SP.

Fotografia por Zconti.

Atualmente a economia do vale tem como grande influência as indústrias que estão localizadas nessa área, mas ainda pode contar com a produção agrícola que também é muito forte nessa região, pois, a história da região está intimamente relacionada com o cultivo de café, de vários tipos de arroz, produção de mel, banana, milho, cana-de-açúcar, laranja, entre outros. Esse cultivo é feito por pequenos e grandes produtores, que chegam até a exportar para outros países, contribuindo com a economia do vale.

O lugar é rico em diversidade cultural histórica e belezas naturais. As vegetações são compostas pela Mata Atlântica, cachoeiras, montanhas, fazendas coloniais e, claro, ainda contando com a linha natural de serras que divide o Vale. Essas belezas são compostas com vários pontos turísticos, o que gera movimentação na economia, já que atrai visitantes.

A região é considerada por muitos, privilegiada, pela localização geográfica que é situada, por conta disso, as cidades da região entraram no mapa do turismo em São Paulo,

assim, tornando-se destinos e as novas queridinhas do povo. Os principais motivos pelo qual a região tem atraído visitantes são pela gastronomia, paisagens deslumbrantes e pela diversidade climática, o que a torna diferente de tantas outras regiões.

As belezas proporcionadas pelo turismo religioso, ecológico, gastronômico e histórico, acabam chamando a atenção e atraindo turistas, o que segmenta ainda mais a economia do vale, já que eles se hospedam em hotéis, comem em restaurantes, compram em lojas de pequenos empreendedores, vão em bares, pagam passeios e etc. Mas não podemos pensar que tudo isso sai caro, ainda nessa revista você irá receber dicas preciosas para fazer uma viagem tranquila, sem gastar muito.

As atrações locais irão sem dúvida agradar diferentes tipos de pessoas e gostos; portanto, se você aprecia frio ou calor, trilhas e cachoeiras, pense na possibilidade de passar suas próximas férias no vale e com isso impulsionar a economia da região.



Yes, o Vale tem arroz!

Por Alexandre Coutinho

Considerado um dos principais alimentos com grande valor nutritivo, como proteínas e carboidratos, o arroz branco está na mesa dos brasileiros diariamente. O Estado de São Paulo é atualmente o maior consumidor de arroz do País e o Vale do Paraíba é a principal região produtora do cereal no estado, segundo levantamento realizado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado, por meio do Instituto Agrônomo de Campinas (2020/21).

O arroz no vale é uma cultura centenária trazida pelos imigrantes italianos e alemães, dentre outros. A área em produção da cultura do arroz ocupa o 44º lugar no valor da produção agropecuária do sudeste em 2021, com pouco mais de 50 milhões e 700 mil reais. Os Escritórios de Desenvolvimento Rural de Guaratinguetá - SP são responsáveis por 54% da produção, seguido pelos municípios de Pindamonhangaba com 27% e Registro com 12%. Estes respondem por quase a totalidade do arroz irrigado na região.

De acordo com o Rizicultor (produtor de arroz) e presidente da Cooperativa de Arroz do Vale do Paraíba (Coopavalpa), com sede na Cidade de Guaratinguetá - SP, o Sr. Rodolfo Kodel, que já está há 35 anos nesse ramo e a família na 4ª geração do cultivo do arroz, disse que são vários os desafios enfrentados, dentre eles o valor agregado do produto cada vez mais o baixo, a falta de mão de obra, a constante alta dos insumos e dos

combustíveis e a falta de apoio e subsídio por parte dos governos. Isto faz com que a cultura esteja no momento atual estagnada. Com esse declínio e descapitalizados, em média geral o lucro foi em torno de 6%, ano passado teve um ligeiro aumento, porém esse ano com a atual situação do mercado, ainda não se sabe ao certo qual deve ser a margem de lucro, pois a cada semana o valor cai mais.

Vale destacar os pontos positivos da região, como por exemplo, o tipo de solo que por ser em área de várzea, facilita muito o cultivo. O primeiro passo é a semeadura com a semente enterrada no solo em uma profundidade de 5 cm, que pode ser feita manualmente, com semeadeiras ou até mesmo com um trator. A partir daí é aguardar o ciclo do arroz que varia entre 100 e 140 dias e ao fim dos quais a planta poderá ter chegado aos 45 cm de altura. Após, é preciso drenar a água ou esperar secar, quando o arroz já

poderá ser colhido. O Arroz é 100% aproveitado, economicamente falando, desde a palhada, que ao ser incorporada ao solo contribui com a própria qualidade deste, até a casca, farelo e grãos quebrados, que são todos usados na indústria de ração para ruminantes.

Atualmente a família do Sr. Rodol Kodel está plantando somente o arroz agulhinha (arroz branco). Mas já cultivaram em uma grande área o arroz preto, que embora tenha um valor agregado maior, o consumo é menor. O cultivo do arroz preto também é mais trabalhoso. A principal diferença está nos procedimentos depois que o produto sai da lavoura, como o processo de secagem, que tem que ser mais lento do que o branco. Para produzir um arroz preto bom, de qualidade, a água usada no processo é fundamental, e nas propriedades do Vale do Paraíba, isso não é problema. A água vem direto da Serra da Mantiqueira, limpa e

Fotografia por Alexandre Coutinho





cristalina, sem nenhum tipo de produto químico. Com uma produção 3 vezes menor em relação ao agulhinha, em questão de valor e custo de produção, o arroz preto torna muito difícil o seu comércio e cultivo. O arroz preto além de ser consumido no Brasil, é exportado para países como Estados Unidos, Japão e Itália.

Comparativo da produção do arroz agulhinha e arroz preto:

Quantidade por porção (30g)		%VD (*)
Valor Energético	111 Kcal	5,6%
Carboidratos	25 g	8,3%
Proteínas	2,2 g	2,9%
Gorduras Totais	0 g	0%
Gorduras Saturadas	0 g	0%
Gorduras Trans	0 g	**
Fibra alimentar	0,9 g	3,6%
Sódio	23 mg	1%

(*) % Valores diários com base em uma dieta de 2.000 kcal ou 8.400kj. Seus valores diários podem ser maiores ou menores dependendo de suas necessidades.
(**) VD não especificado.



Arroz preto

Valor de mercado - Saca de 60 Kg = R\$ 360,00

Custo de produção - R\$ 100,00

Produção - 100 hectares = 300 toneladas

Consumo menor

Arroz agulhinha

Valor de mercado - Saca de 60Kg
= R\$ 65,00

Custo de produção = R\$ 100,00

Produção - 100 hectares = 900 Toneladas

Consumo maior



6 PASSOS NO CULTIVO DO ARROZ

1

Escolha do local adequado para o plantio: O arroz é um produto que necessita de água em abundância para crescer, o ideal seria plantá-lo em regiões próximas de rios, lagos ou que chova com frequência.

2

Seleção das variedades de arroz: selecione as variedades do cereal que serão plantadas. É possível optar por apenas uma espécie ou utilizar-se de várias espécies como por exemplo, o agulhinha.

3

Desinfecção das sementes: No caso da plantação de arroz, pode-se evitar a proliferação das pragas de maneira antecipada, basta fazer a desinfecção de sementes através do uso de fungicidas, que são encontrados facilmente em comércios voltados para agricultores.

4

Semeadura: A semeadura de arroz é o processo em que as sementes serão distribuídas e enterradas no solo. A fase da sementeira pode ser feita manualmente, com semeadeiras ou até mesmo com um trator.

5

Irrigação: A plantação de arroz precisa de água em abundância para crescer saudável, mas nem sempre a natureza oferece líquido suficiente, seja através de rios ou de chuvas. Quando isso acontece, uma boa alternativa é recorrer à irrigação, que é uma técnica muito utilizada pelos agricultores.

6

Rotação de cultura: O arroz é considerado uma planta esgotante, ou seja, que pode retirar muitos nutrientes do solo durante o seu cultivo. Assim, não é recomendado utilizar o mesmo terreno para plantar o cereal pelo período de dois anos consecutivos, pois do contrário a colheita não será tão farta e o produto poderá apresentar baixa qualidade. O ideal é aguardar um intervalo de, pelo menos, um ano.

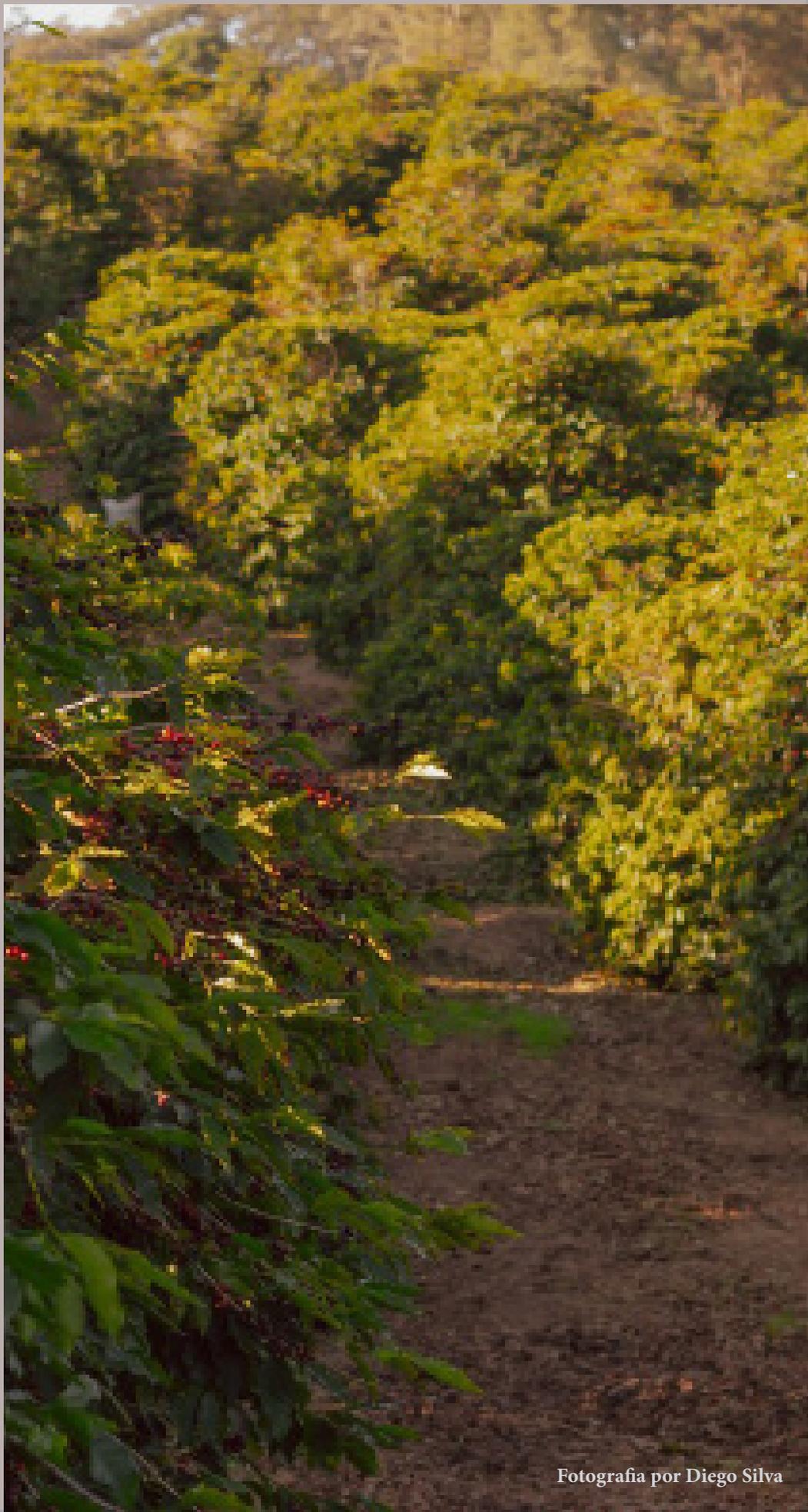
O protagonismo da economia cafeeira no Vale do Paraíba

Por: Mauriceia Silva

A impressionante marca de um mercado avaliado em mais de 27 bilhões de dólares e projeções de crescimento anual em torno de 6,7% até 2023, pertence a um produto que possui séculos de destaque no mercado brasileiro, e grande projeção internacional. O melhor disso é saber qual o caminho percorrido antes dele se tornar o “queridinho” dos brasileiros: O café entrou no Brasil através do Vale do Paraíba, e se tornou comercial quando estava também no Vale.

Ao contrário do que muitos pensam, a relação do Vale do Paraíba com o café começou muito antes de 1850. Segundo o historiador Adelci Silva dos Santos, o testamento de um fazendeiro de Piraí, RJ, datado de 1811, apontava já uma plantação de 10 mil pés de cafés velhos. Para ele, o ano de 1850 marca, na verdade, o apogeu da cultura cafeeira, que veio a se tornar, o principal produto da balança comercial do Império. Mesmo com a produção de riquezas, o Vale do Paraíba não se beneficiou logo. Uma característica dos cafeicultores do Vale do Paraíba, traria impactos ambientais à longo prazo, pois diferentemente dos produtores do Oeste Paulista, os da região tinham em geral uma mentalidade muito retrógrada, não investiram na industrialização, e a produção era feita de modo extensivo do solo, ou seja, somente quando a terra não tinha mais nutrientes necessários, é que se trocava de região.

De fato a Região do Vale já possuía uma terra que favorecia o cultivo: “A maior parte dos cafeicultores da região do Vale do Paraíba migraram da cultura da cana de açúcar, dessa forma já tinha uma parte da infraestrutura necessária para o cultivo do café. A terra extensa e a mão de obra escrava disponível e o fácil cultivo do





café propiciou o avanço da plantação.” Afirmou o economista Nario Ishiaki. Mesmo com o passar dos anos, na linha do tempo houve uma estrutura que não mudou, o café é o maior gerador de riquezas, e o produto mais importanteda história nacional. E para confirmar isso é só olhar para os números apresentados pela Embrapa. O café continua sendo um importante gerador de divisas: 2 bilhões de dólares anuais, ou 26 milhões de sacas exportadas ao ano e, contribui, dessa forma, com mais de 2% do total das exportações brasileiras.

“O Vale do Paraíba foi o primeiro grande cenário da cafeicultura brasileira, atraindo populações de diversas outras regiões e reunindo ali a maior parcela da riqueza do país. O café que não tinha tanta importância comercial no período colonial, tornou-se no século XIX o produto mais importante da economia brasileira, superando inclusive o açúcar.” Com essa afirmação de Ishiaki, percebe-se que naquela época o café já mostrava a sua vocação ao protagonismo econômico.

Esse cenário bem sucedido da cafeicultura no Vale foi o que rendeu ao país o fim das crises econômicas instaladas no primeiro reinado e com a adoção da mão de obra assalariada houve uma nova dinâmica na economia interna. Ao mesmo tempo, o grande acúmulo de capitais resultantes da venda do café tornou possível o investimento em infraestrutura como em ferrovias e estradas. Houve uma grande contribuição para a urbanização do Brasil, e com isso também houve o nascimento de novos setores de investimento econômico, nas indústrias e no comércio.

Foi nesse tempo que surgiu um café que teve seu nome sugerido num concurso cultural feito na Rádio Mantiqueira, no qual munícipes de Cruzeiro e outras pessoas da região puderam votar. Juliana Novaes, gerente do Café Ouro Verde de Cruzeiro - SP, conta que embora tenha



Fotografia por Diego Silva

sido fundado numa época em que a Era do Café no Vale já estava em declínio, a torrefação foi um reflexo do que se viu num país onde o café passou a figurar como importante produto de exportação na economia brasileira, desde a década de 1820, e em apenas 30 anos passou a responder por algo próximo de 90% de todos os valores exportados pelo país. O Brasil assume assim o protagonismo da produção mundial, respondendo por algo entre 75 a 80% da produção mundial. E ainda hoje o país se mantém como maior produtor mundial de café.

No fim da década de 70 os supermercados se instalaram nas cidades, e então os cafés regionais tiveram que passar por todas as adequações, modernização e tecnologia, o que não foi diferente com essa fábrica de Cruzeiro: teve que sair do artesanal para o industrial, passando pelo empacotamento realizado no maquinário, e encontrar o seu lugar nos supermercados.

No cenário econômico contemporâneo, o café apresenta resultados significativos: “Ainda hoje o café é responsável por uma significativa pauta de exportações nacionais, embora essa concentração em larga escala, não se concentre mais no Vale do Paraíba, ela está espalhada pelo Paraná, Espírito Santo, Oeste de São Paulo, e Minas Gerais.” afirma o historiador Adelci Silva dos Santos.

Embora sofra consequências das incertezas do mercado global devido aos impactos sofridos no início da pandemia, com a diminuição de 3,9% das exportações, nos primeiros 6 meses do ano cafeeiro, no mercado de commodities, o preço da saca também tem apresentado altos e baixos. Após ter atingido uma baixa em fevereiro de 96 dólares a saca, conseguiu uma recuperação ao final de março, cujo valor chegou a 130 dólares. Dessa forma há uma previsão de que não haverá redução na demanda de café, mas o mesmo passará por mudanças no comportamento do consumidor, com crescente demandas por preços mais acessíveis, além dos substitutos da cafeína e inovações do produto.

Hoje no Vale do Paraíba, além das torrefações que permanecem, existem as fazendas construídas no século XIX para produzir café e que estão em sua maioria, como ruínas, abandonadas pelos herdeiros. Um grande número delas se tornou hotéis fazenda, e buscam aliar o turismo histórico ao turismo ecológico, é o que afirma o professor Adelci, “algumas fazendas tem se dedicado ao plantio do café, mas não mais em larga escala, para exportação, mas sim para o comércio local e regional de variedades específicas, melhoradas geneticamente e que compõem os chamados, cafés gourmet.”

SEM DOER NO BOLSO

**Descubra alguns passos
para viajar gastando
pouco**

Por: Ana Clara Castro

Foto: Pico do Marins em Piquete
Fonte: Wikipédia

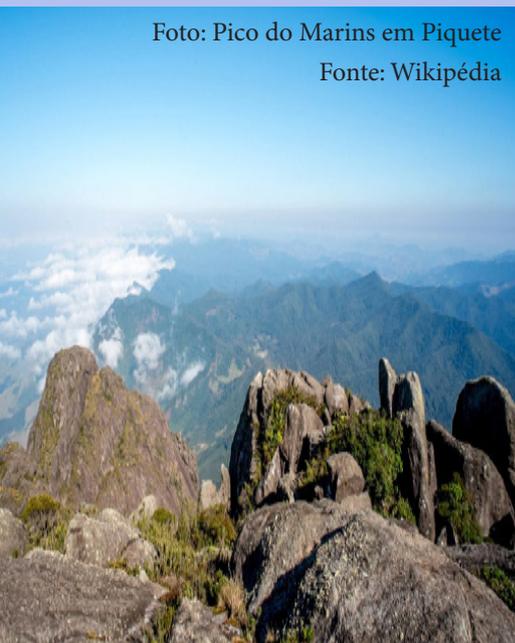
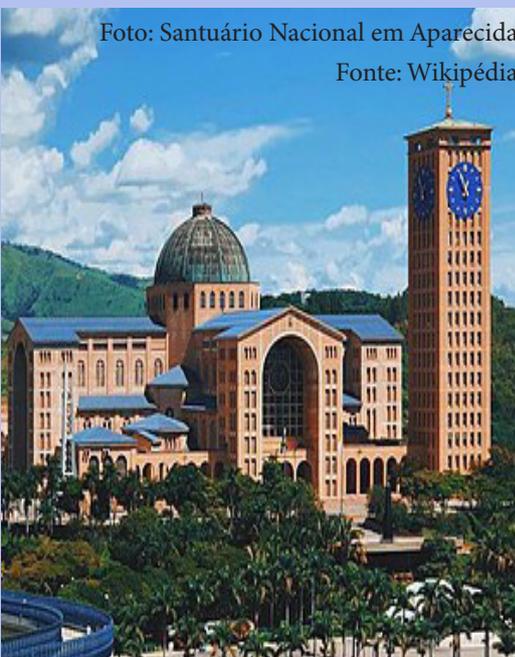


Foto: Santuário Nacional em Aparecida
Fonte: Wikipédia



Conhecer novas pessoas, viver experiências inéditas, aprender outras culturas e construir memórias são alguns significados que podemos atrelar a sensação de viajar. A ideia de aproveitar um momento especial em um lugar diferente já deixou de ser “coisa de rico” há muito tempo, hoje é um dos hobbies mais comuns do mundo.

Após dois anos de pandemia, o setor financeiro do país todo enfrentou uma grave crise econômica e aos poucos tenta recuperar o prejuízo causado nesse período delicado. No Vale do Paraíba, a economia é impulsionada pelo comércio e pelo turismo religioso, atraindo pessoas do Brasil inteiro. O final de 2021 traz medidas de restrição mais flexíveis e isso animou os amantes de viagem, que vêm buscando alternativas de lazer mais acessíveis para aproveitar as férias sem “doer” o bolso.

Escolher um local com baixa incidência de casos de Covid19, usar máscara e álcool em gel são as primeiras recomendações para um bom passeio nessa época do ano, mas a solução que os brasileiros procuram é: Como gastar pouco? O foco não é ostentar um roteiro

luxuoso, e sim curtir um tempo de lazer com tranquilidade.

A educadora financeira e mestre em economia, Ana Alves, e a turismóloga e blogueira de viagem, Camila Bonatelli, prepararam algumas dicas que não são apenas para um destino específico, mas servem para economizar em qualquer viagem.

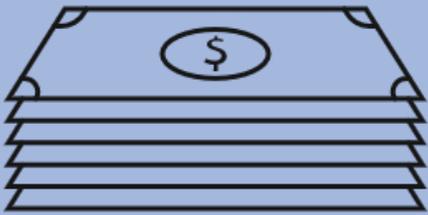
Foto: Lavandário em Cunha
Fonte: Wikipédia



1. A antecedência é amiga do planejamento: Para controlar os gastos, o ideal é se planejar com 90 a 60 dias de antecedência, dessa forma, é possível economizar bastante até mesmo em viagens durante a alta temporada, como nas férias de fim de ano. O primeiro passo para um bom planejamento é listar tudo que será necessário na viagem: passagens, reserva de hospedagem, entrada para atrações, aluguel de carro, e outros gastos que variam de acordo com o destino escolhido. Organize sua viagem e pesquise bastante, essa parte talvez não seja muito divertida mas deixe a preguiça de lado. Quando o passeio é bem planejado, você consegue uma mega viagem e dentro do melhor orçamento possível. Todo mundo gosta de viajar e voltar para casa livre de dívidas, não é mesmo?

2. Cuidado com as altas temporadas: A data que você escolhe para viajar influencia muito no valor final das despesas. Se você deseja gastar pouco, saiba quais são as melhores datas para curtir o roteiro planejado. Alguns eventos e períodos mais especiais podem encarecer ou baratear seu itinerário. Geralmente, em épocas como férias de verão e feriados, os destinos famosos, com cidades litorâneas, recebem mais turistas e os preços aumentam. A sugestão é escolher viajar em períodos menos procurados, mas a baixa temporada não é sinônimo de economia. O segredo sempre é o planejamento. A combinação de flexibilidade nas datas, organização e antecedência resulta em gastos menores.

3. Monte seu roteiro: Criar o próprio roteiro é mais fácil do que imaginam e ainda deixa a viagem muito mais econômica. Visite apenas os pontos turísticos e atrações que de fato te interessam, sem desperdiçar um dia da viagem ou fazer um gasto extra com aquilo que não atrai sua atenção de verdade. Faça bom proveito da internet! Busque por reviews e dicas simples para construir seu próprio itinerário de lazer, anote o máximo de informações importantes possíveis antes de chegar ao seu destino.



4. Aprecie os pontos turísticos gratuitos:

A maior parte dos destinos de viagem oferecem atrações turísticas gratuitas. Em algumas cidades, os principais pontos não cobram a entrada ou possuem condições especiais. Inúmeros dos pontos turísticos do Vale, por exemplo, são gratuitos. Sejam eles praias, monumentos e até mesmo lugares históricos. Acrescente em seu roteiro algumas praças, museus e outros locais turísticos que são abertos ao público, assim você economiza muito.

5. Para comer bem não precisa de muito:

A alimentação pode impactar nossa viagem, então precisamos fazer escolhas certas, uma dica boa é comprar comida e lanches em feiras e mercados. Se você preferir uma hospedagem em que a alimentação faça parte do pacote ou que seja possível fazer sua própria refeição a economia só aumenta.

6. DICA BÔNUS:

Existe um benefício social chamado de ID Jovem (Identidade Jovem), que proporciona acesso aos benefícios de meia-entrada em eventos artístico-culturais e esportivos, além de vagas gratuitas ou com desconto no sistema de transporte coletivo interestadual, conforme o Decreto 8.537/2015. Para mais informações, aponte a câmera do seu celular para o QR Code ao lado.



Você já fez alguma pergunta para o Google ?

Por Suelen Martins



O ser humano é curioso por natureza, Albert Einstein afirmou que a curiosidade é mais importante do que o conhecimento. Sou bastante curiosa e aprendi que isso é importante para o meu desenvolvimento. No desejo de buscar o novo, descobrir, aprender, ter novas respostas, evoluímos, inovamos e saímos da zona de conforto.

Observadores ponderam que a curiosidade é uma ampla busca de informação e se é isso que você está procurando, este é o lugar certo.

Nesta seção, nosso leitor encontrará curiosidades do Vale do Paraíba: regionalismo, lendas, festas locais que se tornaram populares e muito mais.

O vale das lendas contará histórias que não assustam, como a do Gigante adormecido que escondeu um tesouro e teve seu “coração de pedra derretido” pelo choro delicado de uma criança, e também a lenda da Mão Fria

que narra a história de uma jovem bela e valente chamada Maná, que entristecida por um amor que teria que ser interrompido, através de uma punição, teve o corpo congelado e lágrimas escorreram dos olhos dando origem a uma mina d’água cristalina que até os dias atuais, os moradores da Margem Esquerda em Cachoeira Paulista-SP podem usufruir.

Já em São José dos Campos, situado a leste da capital do estado e segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), município mais populoso da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, será representado através da Festa do Mineiro, realizada na zona norte de São José dos Campos, que apresenta os valores de Minas Gerais, e a importância da população mineira que migrou para a cidade, concentrando no bairro de Santana e agrega moradores e municipalidades no espaço da festa.

Também em São José dos Campos, construído como um sanatório para tuberculosos, hoje o Parque Vicentina Aranha tornou-se uma grande atração local e turística.

Onde um sanatório para tratamento respiratório, virou um dos pulmões” da cidade, oferecendo à sociedade um lugar de qualidade e eventos culturais gratuitos para todos usufruírem do espaço.

Ainda no município, você conhecerá o trabalho desenvolvido

pelo tatuador Fernando Santos, um projeto social que tem como objetivo reconstruir a autoestima e a feminilidade das mulheres vítimas de câncer de mama, na qual o tatuador refaz gratuitamente o desenho do mamilo, como uma forma de ajudar a recuperar a autoestima de mulheres que passaram pelo procedimento de mastectomia, pois, algumas doenças deixam marcas na vida, na memória e na pele.

E conhecerá um amor passado de geração a geração, curiosidades, histórias engraçadas e relatos de um personagem que até os dias atuais carrega fãs. Estou falando do Fusca - um carro com mais de 50 anos - mais



de 21 milhões de unidades vendidas e a paixão de décadas.

E por meio de uma linguagem decaráter popular e informal, usada por determinados grupos sociais que substitui termos tradicionais, as gírias são utilizadas por grande parte da população. São importantes para a manutenção da língua e servem de marca temporal, classificadas por vezes como vícios de linguagem. Aqui você vai ver algumas gírias peculiares do Vale, “tá ligado”?

Conhecer o Vale a partir de curiosidades é ter intimidade com ele, boa leitura!



Erick Bastos

**VALE DAS LENDAS:
CONTOS POPULARES
QUE TALVEZ VOCÊ
NÃO CONHEÇA**



O Gigante Adormecido

Por Suelen Barros

O Vale do Paraíba é caracterizado pela transmissão de histórias que carregam a essência do lugar e das pessoas.

As lendas são utilizadas para educar crianças. Personagens como o “Homem do Saco” e a “Pisadeira” ensinam a não fugir de casa e não dormir de barriga cheia.

Apesar das lendas mais populares assustarem as crianças, para educar através do medo, há histórias pouco conhecidas na região, que não são assustadoras.

Aliás, o Vale das Lendas possui contos dignos de uma adaptação da Disney.

Um exemplo é a Lenda do Gigante Adormecido de Cachoeira Paulista. Uma tribo vivia no vale da Serra da Mantiqueira, os Puris. Certa vez,

o cacique soube de uma grande ameaça. Gente branca e bárbara que incendiava a floresta e matava os animais - os Bandeirantes. Eles já haviam dizimado outras tribos e em poucas luas chegaram aos Puris, os prenderam e obrigaram a trabalhar nas minas de ouro. Um curumim que roubou carne dos inimigos começou a ser perseguido por eles, e fugiu para a mata. Lá encontrou um gigante adormecido. O curumim o acordou e contou o pesadelo que passava, como o gigante nada fez, a criança começou a chorar. O gigante, comovido, voltou com o indiozinho para a tribo e enfrentou os inimigos. A tribo comemorou a vitória com uma festa para o gigante, nomeado de Lakaré Xatã

(braço amigo). O cacique decidiu esconder o tesouro dos bandeirantes e o gigante se ofereceu para isso, foi para a mata e não voltou mais. Na manhã seguinte a serra estava com novos contornos, parecidos com o corpo de Lakaré Xatã, que pode ter morrido, ferido da batalha, ou apenas voltou a dormir. O tesouro continua escondido em algum lugar do vale.

Essa lenda, como as outras, possui um ensinamento moral - que pode ser resumido pelo ditado popular “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, considerando que o choro delicado de uma criança derreteu o coração de pedra do gigante.

Visão real do Vale do Gigante/Fotografia: Mariana Almeida



A Lenda da Mão Fria

Por Mariana Almeida

Havia uma etnia indígena, os primeiros habitantes no Rio Paraíba. Indígenas Puris, que ficaram distribuídos em grupos desde o Rio Paraíba fluminense e paulista, adentrando na parte oriental de Minas Gerais, até o Espírito Santo. Eram conhecidos por serem supersticiosos, calmos e apáticos. Porém, podiam ser vingativos, se caso se sentissem ofendidos. E no meio deles, existia a Maná.

Era uma jovem bela e valente. Conhecida em sua etnia por ser filha do Cacique Taboré, que foi eleito pela astúcia, braveza e habilidades de guerreiro.

Em um certo dia, durante uma cerimônia religiosa, o Pajé, que é destinado às tarefas religiosas e rituais de cura, ofereceu a jovem Maná ao Deus Tupã, como forma de oferenda. Segundo o Jesuitas, a etnia Puris acredita no Deus Tupã, também conhecido por "O Espírito do Trovão" (Tupã não era exatamente um deus, mas sim uma manifestação de um deus na forma do som do trovão) como um grande criador dos céus, da terra e dos mares. E que além de ensinar aos homens a agricultura, o artesanato e a caça, concedeu aos pajés o conhecimento das plantas medicinais e dos rituais mágicos de cura.

Mas, Maná, tinha uma paixão pelo jovem Catu. O amor que existia entre os dois era recíproco. Os jovens sempre se encontravam, mas o que não sabiam é que dessa vez seria a última vez. Maná, ao seu encontro com Catu, contou-lhe o que ocorreu na cerimônia religiosa com o Pajé, que seria oferecida a Tupã. Era certo que os dois não poderiam mais estar juntos, e que esse amor seria corrompido. E de fato, ele não ficou nada feliz ao ver essa união.



Estátua de Maná na entrada da Fonte Mão Fria - Fotografia Por Mariana Almeida

Como punição, Tupã fez cair do céu uma "Mão de ouro" nos campos indígenas.

Durante um dos seus passeios pelas margens do Rio Surubins, Maná se deparou com a reluzente mão de ouro. Curiosa, foi ver o que era e, de repente, sentiu que seu corpo começava a congelar-se e afundar.

Com apenas a cabeça para fora, escorreram duas lágrimas tristes de seus lindos olhos, dando origem à mina d'água cristalina. Mina d'água que até hoje abastece os moradores e adjacências da Margem Esquerda, no Jardim da Fonte em Cachoeira Paulista.

Xéééééé...

Por Ester Viana

- Donaaaaa!!! Você não sabe o que aconteceu ?!
- O que menina?
- A Cachorra da Cleuza fugiu ontem de tarrde, cê acredita?
- Xéee!!!
- É sério
- Ó procê vê!! Eu sabia que isso ia acontecer, ela sempre se distrai quando vai catar içás e deixa o portão aberto.
- Pior.
- Ainda bem que o caboclo estava passando de camelinho e ajudou ela.
- Capaz memo que ele ajudou ela!
- Pois é!

Se você não conseguiu entender essa conversa, sinto te dizer, mas você precisa atualizar o quanto antes seu dicionário de gírias do Vale, mas pode ficar tranquilo que vamos te ajudar nessa. Primeiro, “cola com nós!” para entender melhor esse assunto.

As gírias estão na boca do povo desde que o mundo é mundo e provavelmente você até use algumas para falar com os amigos, na rua e às vezes até em algum grupo do whatsapp, mas você sabe como elas nascem?

Elas surgem no nosso meio de forma natural, pouco a pouco ganham espaço na sociedade e quando nos damos conta, já estão todos ao nosso redor usando as mesmas palavras. Isso acontece porque a nossa língua, principalmente a falada, é viva, ou seja, está sempre sujeita a transformações no decorrer dos anos.

Mas não é só isso não, são diversos os fatores que contribuem para o surgimento de uma nova gíria.

Entre os mais importantes estão os modismos, os jargões, os neologismos e também as expressões populares.

Dessa forma, algumas expressões que anos atrás estavam “super em alta”, atualmente passaram a não ser mais usadas e assim, este linguajar despojado, acaba realizando a função de marco temporal, isto é, marcam uma época.

Algumas destas gírias são comuns para todo o país, outras para determinadas regiões como o Sul ou Sudeste. Porém existem aquelas que são mais fortes em um estado específico, outras em determinadas áreas dentro deste estado e outras ainda, restritas apenas a um grupo social como entre os skatistas e surfistas, por exemplo. Isso faz com que as gírias sejam também expressões culturais de um povo e o Vale do Paraíba não fica de fora dessa.

Provavelmente já deve ter escutado falar que muitos tropeiros passaram pela região, trazendo gado do Rio Grande do Sul e esse fato histórico, além de ter influenciado a comida e os costumes, é um dos fatores que podem ter contribuído para o surgimento de algumas gírias.

Porém, a influência no surgimento destas expressões não fica apenas no tropeirismo. Isso porque, as cidades do Vale são próximas tanto da capital do estado de São Paulo, quanto do sul do Rio de Janeiro e também de Minas Gerais, ou seja, de uma forma sutil, as gírias destes estados foram também influenciando no linguajar da região, criando novos jargões.

Modismos: Expressões muito utilizadas em um momento porém que passam; momentâneas.

Neologismos: Expressões criadas a partir de palavras que já existem. Ex: Gato, é usado para se referir não só ao animal, mas também à beleza de alguma pessoa ou a uma ligação clandestina de eletricidade.

Agora que já deu pra entender um pouco do processo de nascimeto das gírias, segue aí umpequeno dicionário das mais faladas no Vale pra você não ficar mais perdido nas conversas por aí. Essas são as mais faladas por aqui:

1. **Aff** - usado quando se está de saco cheio de alguma coisa;
2. **Belezinha** - está tudo bem; certo; beleza;
3. **Beudo ou Beuda** - quando alguém está bêbado; muito alcoolizado;
4. **Brigado eu** - forma de responder um agradecimento;
5. **Brotar** - ir em algum lugar ;
6. **Caboclo**- para falar de alguém;
7. **Cachorra** - feminino de cachorro;
8. **Camelinho** - Bicicleta;
9. **Capaz ou Capaz memo** - usada para representar surpresa; espanto;
10. **Casa suas** - para se referir a casa de alguém;
11. **Chique/ Chique 10** - usada para concordar com algo quando uma coisa é legal;
12. **Cola com nós** - Junta com a gente;
13. **Dedeira** - é um tipo de anel, porém na linguagem popular é usado para qualquer anel;
14. **Dona** - se referir a mulheres de qualquer idade;
15. **Eita rapaz** - espantado com alguma coisa, susto; surpresa;
16. **Goma** - usada para se referir a casa;
17. **Mano** - usado para chamar alguém; irmão; *brother*;
18. **Nossa vó** - algo chato, credo, que saco;
19. **Nóis** - Nós;
20. **Nóis vai** - Nós vamos;
21. **Ó procê vê** - Olha pra você ver;
22. **Pá** - quando algo está estranho; não muito legal;
23. **Palavraaa** - usado para concordar com algo;
24. **Pino** - alguém doido;
25. **Pior** - usada para concordar com algo; reafirmar;
26. **Piruzinho** - Carrinho de mão;
27. **Ronco** - quando fez algo bom;
28. **Se pá** - talvez;
29. **Suave** - usada quando está tudo bem;
30. **Tá ligado?**- entendeu?;
31. **Tio** - usado para se referir a um homem;
32. **Tipo** - usado para exemplificar alguma coisa;
33. **Top** - algo legal; muito bom;
34. **Totó** - Biscoito de polvilho;
35. **Xé /Axé** - dúvida ; “até parece”.

